ISSN: 2358-8829

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO CAMINHO PARA A INCLUSÃO DE MULHERES EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Rayara Priscyla da Silva Trajano [1]
Mickaelly Thainara da Silva [2]
Manuela Dias de Melo [3]

INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade social está relacionada a diferentes formas de desigualdade que dificultam o acesso da população aos direitos básicos, às oportunidades de trabalho e à participação na sociedade. Entre os grupos afetados por essas desigualdades, encontram-se mulheres que enfrentam dificuldades econômicas, sociais e culturais, muitas vezes associadas às desigualdades de gênero, às limitações de acesso à educação e às dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Nesse contexto, torna-se importante refletir sobre iniciativas educativas que contribuam para a valorização dos conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a ampliação das possibilidades de participação social dessas mulheres.

Desse modo, a Educação Popular apresenta-se como uma perspectiva importante para essa discussão, pois valoriza os saberes construídos nas experiências cotidianas e compreende os sujeitos como participantes ativos de seu processo educativo. Nessa perspectiva, Freire (2013) contribui para pensar uma educação baseada no diálogo, na reflexão crítica e na construção da autonomia. Assim, as práticas educativas ultrapassam o ensino de técnicas e conteúdos, constituindo espaços de convivência, troca de experiências e valorização dos conhecimentos populares. Essa compreensão permite considerar a educação como uma prática que pode contribuir para a transformação social, especialmente quando reconhece as experiências e as necessidades dos grupos envolvidos.

É nesse cenário que se insere o Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), localizado em Caruaru-PE, instituição que desenvolve atividades educativas e populares

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/CAA, rayara.trajano@ufpe.br;
[2]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/CAA, mickaelly.thainara@ufpe.br;
[3] Professora Orientadora: Dra. em Educação/Professora substituta no Núcleo de Formação Docente UFPE/CAA, manuela.melo@ufpe.br

ISSN: 2358-8829

destinadas a diferentes públicos da comunidade. Entre suas ações, destacam-se as oficinas de artesanato, especialmente as atividades relacionadas ao crochê, que possibilitam aos participantes aprender técnicas, compartilhar conhecimentos e desenvolver habilidades que podem contribuir para a produção artesanal e para a complementação da renda familiar. Conforme a discussão sobre vulnerabilidade social apresentada por Silva (2018), a limitação de acesso às oportunidades constitui um aspecto relevante para compreender as dificuldades enfrentadas por esse grupo. Desse modo, investigar as práticas desenvolvidas pelo CEPA permite refletir sobre as contribuições da Educação Popular para a inclusão social de mulheres em situação de vulnerabilidade.

A pesquisa que fundamenta este trabalho foi desenvolvida no componente curricular Pesquisa e Prática Pedagógica 3, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Assim, o estudo partiu do interesse em conhecer o CEPA e compreender como suas práticas educativas e populares são desenvolvidas, com ênfase para a formação de mulheres artesãs. A partir desse interesse, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: quais práticas educativas são utilizadas pelo CEPA na qualificação de mulheres artesãs em situação de vulnerabilidade social? A investigação justifica-se pela importância de compreender experiências educativas que valorizam os saberes populares e oferecem oportunidades de aprendizagem e convivência para mulheres que enfrentam diferentes dificuldades sociais e econômicas.

Diante dessa problemática, a pesquisa teve como objetivo geral compreender as práticas educativas utilizadas pelo CEPA na qualificação de mulheres artesãs em situação de vulnerabilidade social. Como objetivos específicos, buscou-se identificar as práticas educativas desenvolvidas para a qualificação dessas mulheres; elencar os principais tipos de artesanato ensinados e caracterizar as condições de vulnerabilidade vivenciadas pelas participantes. Esses objetivos orientaram a investigação e permitiram analisar tanto as atividades realizadas nas oficinas quanto as experiências e as relações construídas durante o processo de aprendizagem.

Para alcançar os objetivos propostos, foi adotada uma abordagem qualitativa, considerando as experiências dos sujeitos e as particularidades do contexto investigado. A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas, observação participante e diários de campo como instrumentos de produção de dados. Esses procedimentos possibilitaram acompanhar as atividades desenvolvidas no CEPA, observar as relações estabelecidas entre a instrutora e as participantes e compreender aspectos da experiência formativa. A análise considerou as informações obtidas durante o trabalho de campo, relacionando as práticas observadas às

ISSN: 2358-8829

discussões teóricas sobre Educação Popular, práticas educativas, artesanato e vulnerabilidade social.

Os resultados da investigação indicam que as oficinas de artesanato do CEPA constituem espaços de aprendizagem coletiva, convivência e valorização dos conhecimentos das mulheres. As atividades observadas evidenciaram a importância da troca de experiências entre as participantes, da orientação oferecida durante a aprendizagem do crochê e do reconhecimento dos conhecimentos que cada mulher já possuía ou desenvolvia ao longo das oficinas. Também foram identificadas possibilidades de utilização do artesanato como complemento de renda, considerando o interesse de algumas participantes em produzir e comercializar peças. Entretanto, essa possibilidade não significa, por si só, a superação das condições de vulnerabilidade social, que envolvem questões econômicas e sociais mais amplas.

A discussão desenvolvida neste trabalho parte do entendimento de que as práticas educativas populares podem contribuir para a inclusão social quando reconhecem os sujeitos, suas experiências e seus conhecimentos como elementos importantes do processo de aprendizagem. No contexto investigado, as oficinas de artesanato não se restringem ao ensino de técnicas manuais, pois também favorecem a convivência, a colaboração e a construção de novas possibilidades para as participantes. Ao mesmo tempo, a análise considera que os efeitos dessas experiências precisam ser compreendidos a partir dos dados observados, sem atribuir às oficinas resultados que a pesquisa não permitiu comprovar.

Portanto, conclui-se que a experiência investigada no Centro de Educação Popular Assunção evidencia a relevância de práticas educativas fundamentadas na valorização dos saberes populares, no diálogo e na aprendizagem coletiva para a formação de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Embora as oficinas de artesanato não sejam suficientes, isoladamente, para eliminar as desigualdades que afetam essas mulheres, elas podem constituir espaços importantes de aprendizagem, socialização e desenvolvimento de habilidades, além de ampliar as possibilidades de geração de renda. Dessa forma, o estudo contribui para a reflexão sobre a Educação Popular como caminho para a inclusão social, destacando a importância de iniciativas educativas que reconheçam as mulheres como sujeitos de conhecimentos, experiências e possibilidades de transformação de suas próprias realidades.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por buscar compreender as práticas educativas desenvolvidas no Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), localizado na Vila Padre Inácio, em Caruaru-PE, e suas contribuições para a formação de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Essa abordagem foi escolhida por possibilitar a compreensão das experiências, percepções e relações estabelecidas no contexto investigado. Nesse sentido, Minayo (2016) destaca a importância da pesquisa qualitativa para a compreensão da realidade social, considerando as experiências dos sujeitos e o contexto em que estão inseridos.

Quanto aos objetivos, a pesquisa apresenta caráter exploratório e explicativo. O caráter exploratório está relacionado à aproximação com o cotidiano da oficina de artesanato e à identificação das práticas educativas desenvolvidas. Já o caráter explicativo busca compreender como essas práticas se relacionam com os processos de aprendizagem, a valorização dos saberes populares e as possibilidades de inclusão social das mulheres participantes.

Além disso, a investigação teve como campo a oficina de artesanato do CEPA, envolvendo duas turmas, uma no período da manhã e outra à tarde, com aproximadamente nove educandas em cada grupo. Também participaram da pesquisa a coordenação, a educadora responsável pela oficina e as mulheres que frequentavam as atividades. A escolha desse espaço ocorreu pela possibilidade de conhecer as experiências educativas desenvolvidas com as participantes e compreender como a aprendizagem do artesanato se relaciona com a troca de conhecimentos e as possibilidades de inclusão social.

Para a produção dos dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, observação participante e registros de diário de campo. Conforme Minayo (2016), a entrevista semiestruturada permite combinar perguntas previamente elaboradas com a possibilidade de os participantes expressarem suas experiências e opiniões, contribuindo para o aprofundamento de questões relevantes à investigação. Dessa maneira, as entrevistas ajudaram a conhecer as percepções dos participantes sobre as atividades desenvolvidas e suas contribuições para a formação das mulheres.

A observação participante possibilitou acompanhar o cotidiano da oficina, observando as interações entre educadora e educandas, as formas de ensinar e aprender e as trocas de conhecimentos durante as atividades artesanais. Além disso, o diário de campo foi utilizado para registrar situações, falas e observações relevantes para a compreensão das experiências

ISSN: 2358-8829

vivenciadas. A utilização conjunta desses instrumentos permitiu considerar tanto os relatos dos participantes quanto às situações observadas durante a pesquisa.

A análise dos dados foi realizada de maneira interpretativa, considerando as informações obtidas nas entrevistas e os registros do diário de campo, em diálogo com os objetivos da pesquisa e com as contribuições de Minayo (2016) para a compreensão dos fenômenos sociais. A análise buscou identificar aspectos relacionados à troca de experiências, à valorização dos conhecimentos prévios das mulheres, à aprendizagem do artesanato e às possibilidades de geração de renda. Esses elementos contribuíram para refletir sobre as práticas educativas desenvolvidas na oficina e suas relações com a inclusão social de mulheres em situação de vulnerabilidade, sem desconsiderar os desafios presentes nesse processo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação popular constitui uma perspectiva educativa que valoriza os conhecimentos construídos pelos sujeitos em suas experiências de vida e reconhece a importância do diálogo e da participação coletiva nos processos de aprendizagem. Nessa perspectiva, a educação não se limita aos espaços escolares, pois também acontece nas comunidades, nas organizações sociais e em outros ambientes nos quais as pessoas compartilham conhecimentos e experiências. Batista (2003) contribui para essa compreensão ao discutir as práticas educativas construídas coletivamente e sua relação com a realidade social. Dessa forma, os espaços comunitários podem desenvolver ações educativas que considerem as necessidades dos sujeitos e contribuam para a transformação de suas condições de vida.

Essa compreensão aproxima-se das ideias de Paulo Freire (2013) sobre a educação como uma prática baseada no diálogo, na reflexão crítica e na valorização dos conhecimentos dos educandos. A aprendizagem, nesse sentido, não acontece apenas pela transmissão de informações, mas também pela troca de experiências e pela construção coletiva do conhecimento. Ao relacionar essa perspectiva à educação popular, percebe-se que os saberes adquiridos no cotidiano possuem importância no processo educativo e devem ser reconhecidos. Assim, as experiências e os conhecimentos das mulheres participantes de atividades comunitárias podem constituir pontos de partida para novas aprendizagens, fortalecendo sua participação e autonomia.

ISSN: 2358-8829

Entretanto, a participação das mulheres nos espaços educativos precisa ser compreendida considerando as desigualdades sociais e econômicas que atravessam suas trajetórias. Silva (2018), ao abordar a vulnerabilidade social feminina, permite refletir sobre os diferentes fatores que dificultam o acesso das mulheres a oportunidades e direitos, como as limitações econômicas, a escolarização insuficiente e as desigualdades de gênero. Essas condições podem se relacionar e ampliar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para alcançar autonomia financeira e melhores condições de vida. Por isso, iniciativas de formação destinadas a esse público precisam considerar suas realidades sociais, reconhecendo tanto as dificuldades enfrentadas quanto os conhecimentos e as capacidades que já possuem.

Nesse contexto, a educação popular pode contribuir para a criação de espaços de aprendizagem que valorizem as experiências das mulheres e ampliem suas possibilidades de participação social. A articulação entre as ideias de Batista (2003) e Freire (2013) ajuda a compreender que as práticas educativas não devem desconsiderar a realidade dos sujeitos, mas partir dela para promover o diálogo, a reflexão e a construção de conhecimentos. Logo, quando essas práticas são desenvolvidas em espaços comunitários, podem favorecer a troca de saberes e o reconhecimento de experiências que nem sempre são valorizadas nos espaços formais de educação e trabalho.

O artesanato insere-se nessa discussão por reunir aprendizagem, expressão cultural e possibilidades de geração de renda. Alvares (2023), ao discutir o artesanato como alternativa de inserção econômica para as mulheres, destaca sua relação com a autonomia e a possibilidade de obtenção de renda. A autora afirma:

> Devido à flexibilidade de horários e controle do próprio processo produtivo, o artesanato se torna uma oportunidade para mulheres que buscam autonomia e/ou fonte de renda, dados do Sebrae (2013) apontam as mulheres como maioria entre os artesãos, correspondendo a 70% do total daquele ano. (p. 8).

A contribuição de Alvares (2023) permite relacionar o aprendizado artesanal às oportunidades econômicas, sem reduzir essa atividade apenas à produção de objetos. Quando articulado à perspectiva da educação popular, o artesanato também pode ser compreendido como uma prática educativa que possibilita compartilhar conhecimentos, desenvolver habilidades e valorizar experiências construídas ao longo da vida. Dessa maneira, as oficinas destinadas às mulheres em situação de vulnerabilidade social podem representar espaços de aprendizagem e convivência, além de criar possibilidades de fortalecimento da autonomia e de inclusão socioeconômica.

ISSN: 2358-8829

Diante dessas contribuições, compreende-se que a educação popular, ao valorizar os saberes e as experiências dos sujeitos, pode contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas que dialoguem com a realidade das mulheres em situação de vulnerabilidade social. Nesse sentido, as oficinas de artesanato do Centro de Educação Popular Assunção (CEPA) constituem um espaço relevante para compreender como a aprendizagem, a troca de conhecimentos e a valorização dos saberes populares se relacionam com as possibilidades de autonomia e inclusão socioeconômica feminina. Assim, a articulação entre Batista (2003), Freire (2013), Silva (2018) e Alvares (2023) contribui para analisar as práticas educativas desenvolvidas pelo CEPA, considerando tanto as experiências de aprendizagem quanto às condições sociais que atravessam a vida das participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados produzidos no Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), localizado na Vila Padre Inácio, em Caruaru-PE, possibilitou compreender as práticas educativas desenvolvidas na oficina de artesanato destinada a mulheres em situação de vulnerabilidade social. As entrevistas semiestruturadas contribuíram para conhecer as experiências e percepções das participantes, enquanto a observação participante e os diários de campo permitiram registrar as interações, as atividades realizadas e as situações vivenciadas durante os encontros. A partir desse material, a discussão foi organizada em três eixos: práticas educativas e educação popular, aprendizagem do artesanato e vulnerabilidade social das mulheres.

No que se refere às práticas educativas, observou-se que as atividades da oficina são marcadas pelo diálogo, pela troca de experiências e pela valorização dos conhecimentos das educandas. Durante os encontros, a professora apresenta modelos de peças em crochê, orienta a execução dos pontos e incentiva as participantes a compartilhar ideias e experimentar diferentes formas de produção. As conversas também envolvem a escolha dos materiais e os possíveis valores de venda das peças, aproximando a aprendizagem técnica das experiências cotidianas das mulheres.

Um registro do diário de campo, realizado em 28 de outubro de 2025, descreve uma atividade na qual a professora apresentou uma guirlanda de crochê e explicou os materiais e os pontos utilizados em sua confecção. A situação demonstra que a educadora oferece orientações práticas, mas também cria oportunidades para que as participantes observem,

ISSN: 2358-8829

experimentem e construam suas próprias produções. Além disso, em entrevista, a professora relatou que as educandas compartilham ideias e ajudam umas às outras durante as atividades. Desse modo, a aprendizagem ocorre tanto pela orientação da professora quanto pela interação entre as participantes.

Essas práticas podem ser relacionadas à discussão de Batista (2003), presente no referencial teórico, sobre a valorização e a partilha de conhecimentos associados às experiências socioculturais. Também dialogam com a perspectiva de educação popular de Freire (2013), especialmente no que diz respeito à importância do diálogo e ao reconhecimento dos saberes dos sujeitos. Na oficina, as experiências anteriores das mulheres não são desconsideradas, visto que elas participam das conversas, apresentam sugestões e contribuem para a aprendizagem coletiva. Assim, o conhecimento artesanal é construído nas relações estabelecidas durante as atividades, e não apenas pela reprodução de modelos apresentados pela professora.

Outro aspecto identificado diz respeito às diferentes experiências das educandas com o crochê. Algumas já possuíam conhecimentos básicos e procuraram a oficina para aperfeiçoar suas habilidades, enquanto outras tiveram contato com a atividade e descobriram que conseguiam produzir peças artesanais. Em registro do diário de campo de 17 de novembro de 2025, uma participante relatou que já tinha interesse pelo crochê, mas não sabia por onde começar. Outra destacou que foi positivo perceber que conseguia aprender algo novo. Esses relatos evidenciam que a oficina reúne mulheres com trajetórias diferentes e oferece oportunidades para ampliar seus conhecimentos.

A partir desses dados, percebe-se que a aprendizagem da técnica também pode contribuir para que as participantes reconheçam suas próprias capacidades. Ademais, o contato com novos materiais, a orientação da professora e a troca com as demais educandas favorecem o desenvolvimento de habilidades e a experimentação. Entretanto, não é possível afirmar que todas vivenciam esse processo da mesma maneira. As falas indicam experiências individuais de interesse, descoberta e satisfação, que ajudam a compreender os significados atribuídos à oficina pelas participantes.

Em relação ao artesanato, o crochê constitui o principal foco das atividades observadas, embora a instituição também desenvolva outras produções manuais. Para as mulheres participantes, o artesanato aparece associado à aprendizagem, à convivência e à possibilidade de produzir peças para uso pessoal ou comercialização. Durante uma das observações, uma educanda apresentou uma peça confeccionada para a neta e conversou com a professora sobre

ISSN: 2358-8829

seu possível valor de venda. Em outra situação, uma participante demonstrou a intenção de vender panos de prato para conseguir uma renda extra.

Esses registros mostram que a possibilidade de comercializar os produtos faz parte das expectativas de algumas educandas. A conversa sobre os custos dos materiais e os preços das peças indica que a oficina também possibilita refletir sobre aspectos práticos da produção artesanal. Nesse sentido, a discussão de Alvares (2023), conforme mobilizada no trabalho, contribui para analisar a relação entre artesanato, autonomia e participação econômica feminina. O artesanato pode constituir uma alternativa para complementar a renda, mas sua comercialização depende de fatores como os custos de produção, a valorização do trabalho manual e a existência de pessoas interessadas em adquirir as peças.

Contudo, é necessário distinguir as possibilidades identificadas das condições econômicas alcançadas. Embora algumas participantes demonstrem interesse em vender suas produções, os registros analisados não permitem afirmar que todas obtêm renda regular com o artesanato ou que a atividade garante independência financeira. Os resultados apontam que a oficina oferece conhecimentos que podem ser utilizados na produção e na comercialização de peças, mas não comprovam, por si só, uma transformação na situação econômica das participantes.

A vulnerabilidade social também se mostrou importante para compreender as experiências relatadas pelas mulheres. Durante a pesquisa, uma educanda associou as dificuldades para continuar os estudos ao casamento precoce e às responsabilidades com os filhos e com as tarefas domésticas. Sua fala evidencia como as responsabilidades familiares podem interferir nas oportunidades de escolarização e no acesso a outras experiências formativas. Sendo assim, esse relato permite refletir sobre as desigualdades de gênero que atravessam as trajetórias de algumas mulheres, especialmente quando as atividades de cuidado e os afazeres domésticos limitam o tempo disponível para estudar ou desenvolver outras atividades.

Essa discussão se aproxima da compreensão de vulnerabilidade apresentada por Silva (2018) no referencial teórico, que considera a restrição de acesso às oportunidades sociais, a insuficiência de renda e a falta de escolarização como fatores que podem estar relacionados. A experiência relatada pela educanda evidencia uma dessas dimensões, mas não deve ser generalizada para todas as participantes. As mulheres possuem trajetórias diferentes, e a vulnerabilidade social não pode ser explicada por um único fator. Ela precisa ser compreendida considerando as condições sociais e econômicas e as oportunidades disponíveis ao longo da vida.

ISSN: 2358-8829

Nesse contexto, a oficina de artesanato representa um espaço de aprendizagem e convivência para mulheres que apresentam experiências e necessidades distintas. Ao desenvolver habilidades, compartilhar conhecimentos e discutir possibilidades de comercialização, as participantes têm acesso a experiências que podem ampliar suas alternativas de atuação. Além disso, conforme relatado pela professora, os conhecimentos aprendidos podem ser compartilhados com familiares e outras pessoas da comunidade. Essa troca demonstra que a aprendizagem pode ultrapassar os limites da oficina e alcançar outros espaços de convivência.

Entretanto, é importante reconhecer que a oferta de uma oficina não elimina, isoladamente, as desigualdades que contribuem para a vulnerabilidade social. A aprendizagem artesanal pode ampliar conhecimentos e criar possibilidades de geração de renda, mas a efetivação dessas possibilidades depende das condições concretas de cada mulher. Por isso, a contribuição do CEPA deve ser compreendida a partir das oportunidades de aprendizagem, da valorização dos saberes e das relações de cooperação observadas, sem atribuir à atividade resultados econômicos ou sociais que não foram demonstrados pelos dados.

Diante dos resultados, compreende-se que as práticas educativas desenvolvidas na oficina de artesanato do CEPA se caracterizam pelo diálogo, pela valorização dos conhecimentos prévios e pela aprendizagem coletiva. O crochê articula a aquisição de habilidades à convivência e à possibilidade de comercialização das peças, enquanto as experiências relatadas pelas educandas evidenciam algumas das dificuldades que atravessam suas trajetórias. A análise aponta que a oficina apresenta potencial para contribuir com a aprendizagem e ampliar as possibilidades de participação socioeconômica das mulheres.

Contudo, os dados permitem identificar principalmente experiências, expectativas e possibilidades, não sendo suficientes para afirmar que a atividade garante autonomia financeira ou supera a vulnerabilidade social. Assim, sua contribuição está nas oportunidades educativas e nas relações construídas, que podem favorecer o desenvolvimento de novas habilidades e a ampliação das alternativas disponíveis às participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo compreender as práticas educativas desenvolvidas pelo Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), em Caruaru-PE, na qualificação de mulheres artesãs em situação de vulnerabilidade social. A partir das entrevistas, da observação

ISSN: 2358-8829

participante e dos registros nos diários de campo, identificou-se que a oficina de artesanato se constitui como um espaço de aprendizagem, diálogo e troca de experiências, no qual os conhecimentos prévios das participantes são valorizados e compartilhados durante as atividades.

Os resultados evidenciaram que o ensino do crochê vai além da aprendizagem de uma técnica artesanal, pois envolve a cooperação, a convivência e o desenvolvimento de novas habilidades. As experiências das educandas demonstram a importância de práticas educativas que considerem seus conhecimentos e suas trajetórias de vida, em consonância com os princípios da educação popular discutidos ao longo do trabalho. Dessa maneira, a oficina permite compreender como os saberes populares podem integrar processos educativos desenvolvidos em espaços não escolares.

Em relação à inclusão socioeconômica, observou-se que algumas participantes demonstram interesse em comercializar suas produções como forma de complementar a renda. Entretanto, os dados não permitem afirmar que a participação na oficina garante renda regular, independência financeira ou superação da vulnerabilidade social. Essa constatação reforça a necessidade de compreender a geração de renda como uma possibilidade que depende também das condições de produção, comercialização e valorização do trabalho artesanal.

Do ponto de vista da aplicação prática, os resultados podem contribuir para a reflexão sobre oficinas e projetos educativos destinados a mulheres, especialmente no que diz respeito à valorização dos conhecimentos prévios, à aprendizagem coletiva e à articulação entre formação e possibilidades de geração de renda. No contexto do CEPA, a continuidade dessas práticas, associada a oportunidades de orientação sobre custos, precificação e comercialização dos produtos, pode ampliar as possibilidades de utilização dos conhecimentos adquiridos pelas participantes. Essas ações, contudo, devem ser compreendidas como possibilidades de fortalecimento da iniciativa, e não como garantia de autonomia financeira.

Considera-se, portanto, que a experiência analisada contribui para as discussões acadêmicas sobre educação popular, artesanato e inclusão socioeconômica feminina, ao evidenciar as potencialidades e os limites de uma prática educativa desenvolvida em um contexto específico. Como possibilidade para novas pesquisas, sugere-se investigar, ao longo do tempo, os desdobramentos da participação nas oficinas na vida das mulheres, especialmente quanto à comercialização das peças, à geração de renda e à continuidade da aprendizagem. Também se mostra relevante aprofundar os estudos sobre as contribuições de iniciativas de educação popular para a participação social e econômica de mulheres em

situação de vulnerabilidade. Espera-se que este trabalho contribua para ampliar o debate sobre práticas educativas que reconheçam os saberes das mulheres e considerem suas condições concretas de vida.

Palavras-chave: Educação popular, Práticas educativas, Artesanato, Vulnerabilidade social, Mulheres.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Manuela Dias de Melo por toda a contribuição, orientação e apoio durante a realização desta pesquisa. Agradecemos também ao espaço CEPA pelo acolhimento e por permitir que a pesquisa fosse realizada de forma positiva, contribuindo para o desenvolvimento do nosso trabalho. Por fim, agradecemos a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Thaís Azevedo. **Empreendedorismo feminino como forma de inserção no mercado de trabalho: o caso da Associação de Arte e Artesanato Vale da Esperança**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia, Dourados, 2023. Disponível em: https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio. Acesso em: 15 out. 2025.

BATISTA, M. do S. X. **Educação popular em movimentos sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias.** In: GT Educação Popular, ANPED – Encontro de Pesquisa em Educação do Norte e Nordeste (EPENN), Aracaju, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 34. Ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SILVA, Lisiana Lawson Terra da. **Risco e vulnerabilidade social feminina.** RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 4, edição especial, nov. 2018, artigo n. 972.